

[Página Inicial](#)

[Agenda de Eventos](#)

[Especial - Acordo Ortográfico](#)

[Artigos e Ensaio](#)

[Artigos de IC](#)

[Blog](#)

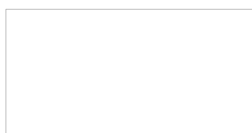
[Resenhas](#)

[Textos Literários](#)

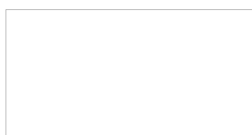
[Edições Anteriores](#)



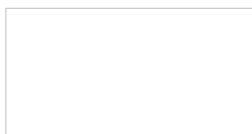
Veja também



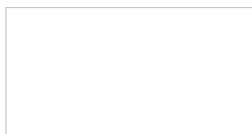
[Biblioteca Digital Mundial](#)



[Blog do Co-editor Joel Sossai Coleti](#)



[Ceditec](#)



[Comunidade dos Países de Língua Portuguesa](#)



[Dicionário de Termos Lingüísticos](#)

SIGNIFICAÇÕES E JUSTIFICATIVAS PARA O EMPREGO DO SÍMBOLO ‘@’ DENTRO DO CONTEXTO PÓS-IDENTITÁRIO

Jorge França de Farias Júnior

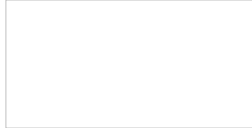
Augusto A. P. Silva

Universidade Nove Julho (UNINOVE)

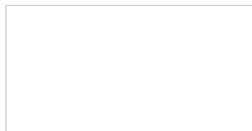
Introdução

Em decorrência da utilização do símbolo “@” no discurso acadêmico e militante, faz-se necessário investigarmos as causas, bem como as implicações da retirada desse símbolo de seu contexto. Podemos dizer que o símbolo inicialmente fazia parte do discurso cibercultural, e podia ser encontrado em endereços de e-mails. Recentemente, verificamos o emprego desse símbolo no discurso ora acadêmico ora dentro da militância LGBT, e questionamo-nos o porquê da necessidade deste empréstimo intersemiótico. Podemos dizer que o símbolo ao ser empregado em outro discurso (que não o cibercultural), deixa de ser um símbolo e passa a funcionar como uma desinência. Não se pode afirmar, porém, que essa desinência seja de gênero, embora possa parecer muito próxima (ou coerente) essa idéia. Por que a língua não foi capaz de abarcar a pluralidade de identidades de gêneros (ou a ausência delas, ou de todas coexistindo mutuamente)? Se a Língua é também influenciada pela sociedade e pela cultura, se existe uma troca constante e dinâmica entre língua, cultura e sociedade, podemos dizer que a língua apenas refletiu aquilo que os/as teóricos de gênero e da *Queer theory*, vem investigando ao longo dos anos: Não existem apenas dois tipos de gêneros e aparentemente opostos entre si. Já afirmou Butler: “supondo por um momento a estabilidade do sexo binário, não se pode dizer que o gênero também permaneça em número de dois” (BUTLER, 2003).

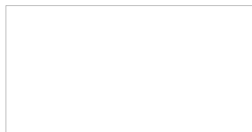
Butler aponta para a existência de uma pluralidade de gêneros, questionando o binarismo/dicotomia masculino /feminino. Há alguns anos, outros teóricos da área da sociologia vêm apontando para o fenômeno da globalização e suas implicações na construção de novas identidades. Afirma-se que as identidades ‘velhas’ estão em declínio, e na contemporaneidade as identidades não tem mais um “centro” interior, mas estão em constante deslocamento, existem mutuamente, se completam, ou por vezes são opostas (HALL, 2002). O gênero – em uma visão sociológica – pode ser visto como um tipo de identidade, como qualquer outra, e por isso, segundo (HALL, 2002), passível de coexistir ou se opor a outros dentro de um mesmo sujeito. Mesmo que a idéia de um sujeito manter dois gêneros internos pareça absurda ou incoerente, basta nos apoiarmos nos sujeitos que surgem e intitulam-se como “*bigender*” – termo usado para definir um sujeito que possui (em termos identitários) dois gêneros (por vezes distintos). Daí a necessidade de uma nomenclatura adequada para os novos tipos de gênero que surgem na contemporaneidade. Mas “nomear” e “classificar” é o que menos se aproxima da aparente intenção desse emprego. Em nossa visão, a intenção (supondo que haja uma intenção), é justamente, representar a não-nomenclatura, a não-classificação, uma tentativa de escapar das rédeas



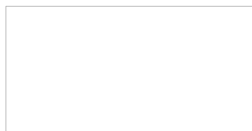
Domínio Público



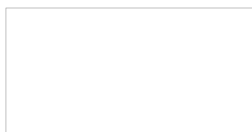
GEScom



GETerm



iLteC



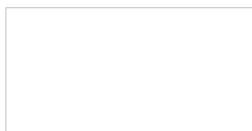
Institut Ferdinand de Saussure



Portal de Periódicos Capes



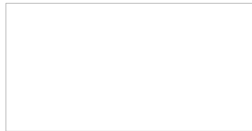
Portal de Revistas Científicas Persee



Revue Texto!



Texto livre



TRIANGLE



UEHPOSOL

da linguagem e da comunicação que a tudo classifica e categoriza (quando não patologiza). Se o emprego de um símbolo, que adota a posição de desinência (morfologicamente falando), tem por objetivo possuir a função de ‘não-nomenclatura’ podemos dizer que essa tentativa pode estar fadada ao fracasso, visto que a linguagem proporciona um paradoxo “nomear para não-nomear”, e dentro dessa visão não se pode ‘escapar’ dos domínios da linguagem, nem tampouco negá-la.

Para análise de um corpus, adotaremos um resumo publicado no caderno de resumos do congresso IV ABEH ocorrido em 2008^[1] e um texto publicado em um blog online. Os textos e suas referências poderão ser encontrados no final desse artigo.

I – Deslocamento

Parece inegável que qualquer sujeito ‘globalizado’ reconheça o símbolo “@” como pertencente a um contexto cibercultural. Referencialmente, um leitor ingênuo que se deparasse com o seguinte enunciado: “Professor@s frente à diversidade sexual: uma questão para além da formação profissional” estranharia a posição do @ em meio a uma palavra e procuraria estabelecer uma relação com o ciberdigital. Essa relação estaria fadada ao fracasso dada a distinta natureza de referência e de emprego do @ no contexto que estudamos. No entanto, sabemos que qualquer o signo sempre escapará a nós, ou seja, não podemos ter controle total dos enunciados e dos signos que fazem parte de um determinado texto ou discurso.

Nas últimas décadas, o crescente aumento da produção acadêmica teórica sobre feminismo, gênero e *queer theory*, movimentou a língua para a adoção de um termo que satisfizesse os estudos concomitantes e promoveu um deslocamento desse termo (símbolo) já existente na língua (embora só houvesse surgido após o surgimento da internet), que completasse essa necessidade de um novo termo relacionado a gênero. A priori, podemos afirmar que. 1 – é um símbolo que não existia no alfabeto moderno de língua portuguesa 2 – não existindo no alfabeto de língua portuguesa, não poderia ser confundido com nenhuma letra existente. 3 – é um símbolo que tinha pouco significado fora de seu contexto (cibercultural), logo, a referência não poderia se misturar facilmente entre dois grupos de signos diferentes. Então, deslocou-se o ‘@’ para assumir o papel de desinência, do ponto de vista morfológico, em palavras substantivas que pedissem desinência de gênero e em pronomes pessoais singulares. Não nos interessa nessa discussão tentarmos identificar o momento exato que a língua deslocou o símbolo, já que a língua é dinâmica e instável, mas interessa-nos saber qual/ais novas referências criam-se a partir desse novo emprego. E se de fato este “objetivo” é alcançado. Além disso, é possível verificar que esse emprego só se realiza no plano textual escrito, não funciona na oralidade, não há pronúncia ou fonema que possa ser encaixado em uma palavra que adote o ‘@’ em sua morfologia, o ‘@’ só existe na oralidade enquanto sozinho ou dentro do contexto cibercultural. Nesse sentido é complexa qualquer leitura que se faça de um texto que empregue o ‘@’, pois a imagem acústica que faríamos da palavra seria sempre dicotômica (de gênero) teríamos que decidir afinal por um ou outro, e mesmo que escolhêssemos ambos ainda assim não daria conta da pluralidade de gêneros existentes, como também haveria carga referenciadora.

II –Relação língua – gênero – sujeito-sociedade

Se a língua é constituída também por um mundo extralingüístico, é coerente afirmar que esse mundo também influencia nela, a língua não é fechada em si mesma, um estudo pragmático facilmente nos daria as ferramentas discursivas para chegarmos à conclusão que existe uma relação íntima entre sujeito-língua-sociedade. Se a língua é um código e um dos tipos da linguagem humana, logo é por ele utilizada, é por ele modificada e influenciada. Nesse ponto é possível afirmar que as subjetividades coletivas sociais e individuais do sujeito implicam na visão ou na “memória do futuro” (BAHKITIN, 1992). O sujeito coloca-se em sociedade e absorve inconscientemente suas subjetividades, suas

estruturas, seus moldes. Isso resulta em um automatismo de práticas e instituições culturais que regem as convenções e as crenças bem também como as identidades. (BUTLER, 2003).

A identidade é construída pela relação do eu com o outro; eu sou o que o outro não é, eu existo em social porque existe um Outro e vice-versa; a aparente união de sujeitos por/pela uma de suas múltiplas identidades vira um sonho utópico justamente da falta de poder unificante de todos os sujeitos em uma linha imaginária de igualdade identitária coerente. Ora se o sujeito “pratica” a língua, ou seja, se ele se comunica e exprime suas subjetividades através dela, não é absurdo afirmar que essa subjetividade está implícita em qualquer discurso. Assim, se a sociedade se constrói constituindo o sexo e o gênero como sendo dicotomias, e espelhos entre si, o exercício da língua absorve e reproduz essas normas – logo se eu tenho uma dicotomia fechada, não há necessidade para a língua “ter” que criar um termo fora disso, aliás, discutir sobre a criação de termos fora dessa construção é uma tarefa teórica árdua, pois é ir contra a linguagem que a criou, e essa linguagem possui um poder histórico e “científico” (por assim dizer), muito sólido ao lado dela. É justamente por isso que o emprego do ‘@’ se fez necessário, como um substituto “a-gênero” designativo, uma desinência que não referenciasse gênero, e por isso que englobasse o todo.

As novas abordagens trazidas pelos estudos feministas/queer theory/ estudos de gênero, compreenderam que a lógica dicotômica não deveria mais ser a única forma do sujeito se ver socialmente. Não havia mais espaço para apenas identificar-se como masculino ou feminino, havia uma necessidade maior de identificação, ou de não-identificação que promovia o emprego do símbolo ‘@’ como uma desinência “a-gênera”. O ‘@’ não negou o gênero, mas ampliou-lhe a gama de subjetividade, ampliou para além das construções históricas e sociais em respostas a aqueles sujeitos que não se sentiam confortáveis ou pertencentes a nenhuma das categorias dicotômicas existentes.

A produção de sentido que um enunciado como “Em outras palavras, para @s professor@s, lidar com esses temas (...)” é uma relação que procura desconstruir a necessidade de referenciar no texto o gênero de quem se fala, englobando assim qualquer outro que um ou mais sujeitos desejem se identificar. Ademais esses sujeitos poderiam desenvolver o sentimento de ‘pertencimento’ a uma determinada categoria, sem recorrer a uma categoria ‘média’ ou ‘entre’, algo como “entre masculino e feminino”, mas sim algo que “não é nem masculino nem feminino” nos termos criados e reproduzidos socialmente. Essa aplicação é extremamente proveitosa para sujeitos que se identificam, por exemplo, como “*bi-gender*”, já que devido à construção história-morfológica humana, não se pode conceber que um sujeito possua dois gêneros que “são” binários. Esse binarismo está fadado ao fracasso, pois não considera as teorias sociológicas identitárias que afirmam que identidades aparentemente opostas possam coexistir em um único sujeito, e que as identidades estão em constante deslocamento, são fluidas e subjetivas. (HALL 2002).

III – Visibilidade

Como já afirmado, o avanço dos estudos feministas/queer/gênero trouxe a movimentação necessária para que o ‘@’ pudesse ser empregado como o é hoje. No entanto, existe uma falta de visibilidade muito grande desse emprego, e mesmo que esse artigo atreva-se a tentar teorizá-lo existe muito pouco material disponível sobre esse assunto, dado que esse fenômeno só acontece nas produções acadêmicas que estejam vinculadas a esses mesmo estudos ou que estejam vinculados a militâncias e/ou grupos de identificação com sujeitos que não se satisfazem com a divisão dicotômica social (e lingüística) do gênero. E mesmo em tais grupos, há a necessidade prévia de familiarizar-se com esse emprego, o que faz parecer uma terminologia específica “da área”. Além disso, embora o termo esteja sendo veiculado pelas militâncias e pelos grupos acadêmicos de estudos, a gramática normativa não aderiu a essa forma, (e nem tampouco a sociedade em si) sendo ela considerada informal em qualquer outra produção textual produzida que não as já citadas.

Não se pode supor visibilidade no emprego de um termo que (politicamente) visa

uma 'integração' social, possa ter qualquer visibilidade linguisticamente se os sujeitos alvos dessa integração têm pouco ou nenhuma visibilidade socialmente. Os sujeitos que cruzam a linha imaginária da dicotomia de gênero, automaticamente são colocados a margem, perdem sua humanidade, (como se houvessem abdicado conscientemente de serem sujeitos humanos) e conseqüentemente perdem sua visibilidade.

IV – Pós-identidade, subjetividade, prática, ideologia.

A crise da identidade do sujeito contemporâneo, apontada por vários teóricos sociais, desloca as identidades e descentraliza o sujeito de um único eixo. A pós-identidade promove uma pluralidade e possibilidade de novas identidades fragmentadas, novos traços identitários que coexistem mesmo que opostos, formam-se paradoxos, e todas as certezas vivenciadas pelo sujeito (mediadas pelas normas sociais) são abaladas, surgem novos sentimentos, ao mesmo tempo uma grande sensação de desconforto, gerando uma eterna busca por um eixo balanceado e centralizado que gerará o 'conforto' de vivenciar uma identidade coerente.

Ideologicamente, os teóricos e militantes que utilizam o '@' em seus discursos, procuram colocar em práticas as teorias que pluralizam a identidade de gênero, buscando um consenso linguístico e social que, justamente, 'centralize' as identidades de gênero que 'escaparam' a língua/norma/dicotomia de gênero. Se por um lado, o '@' busca o 'tudo', por outro ele 'amarra' o 'tudo' e esse 'tudo' deixa de ser 'tudo' para ser uma unidade de gênero que substituiria e/ou englobaria qualquer outra. Mas a identidade é subjetiva e o gênero sendo uma das faces da identidade também o é. Nós diríamos que o gênero permanece no campo da metafísica, onde as idéias permanecem nos círculos teóricos complexos, e não passíveis de se manifestarem no plano físico, ou apenas manifestando algum aspecto ou traço, o qual não poderia ser tomado como todo.

A captura de algum traço do gênero (através de sua prática ou mesmo teoricamente) apenas representa um fragmento da subjetividade interiorizada do sujeito, coexistindo com vários outros fragmentos, que podem ou não modificar-se, deslocar-se ou negar-se. Nesse aspecto, o gênero (assim como a identidade) é tão complexo e mutável, líquido, abstrato, subjetivo e metafísico, que não haveria prática ou *performance* que o representaria ou o realizaria como tal – não que haja uma verdade oculta sobre ele que permaneceria na metafísica – mas porque sua natureza é tão abstrata e mutante, que tudo o que se pode assumir sobre ele é uma concepção do "agora", e sua forma não pode ser definida nem pelo passado ou futuro, nem pela história ou pela sociedade e apenas poderíamos supor sua prática em termos limitados.

Considerações finais

Ao passo de todas as considerações ao longo desse texto, nos vemos em um impasse teórico-ideológico, pois ao adotarmos o '@', não damos conta de tudo o que o gênero foi / é / poderia ser / será, e ao não adotarmos, negamos sua pluralidade e nos ajustamos à norma dicotômica de gênero. Acreditamos porém que o uso do '@' pode trazer novamente uma sensação de sujeito-centro, além de trazer políticas de representações que englobam mais categorias e minorias silenciadas pelos discursos hegemônicos. O "" ainda é hegemonicamente utilizado como um símbolo cibercultural, sua aplicação fora desse contexto é ainda restrita ao circuito acadêmico que estuda o gênero ou *queer theory*, ou restrito as militâncias LGBT, logo, sua visibilidade é bem pouca ou nenhuma. Sua prática no campo fonológico não se realiza, pois o '@' é exclusivo da linguagem escrita e sua análise de aplicação prática corresponde (estruturalmente em relação ao texto) ao campo da morfologia, e ideologicamente aos campos das filosofias e sociologias. (uma problemática identitária-social).

Anexo 1

Texto de um blog online, publicado em 01/03/2007.

El@s protestam

Porque têm razão. Reivindicam os seus direitos.

Nessa aldeia em Viana do Castelo, uma multidão inusitada insuflou o orgulho operário e ergueu a voz muito alto.

E nós!? Que mais motivos precisamos para insuflar o nosso orgulho homossexual, para reclamar o cumprimento da democracia, e erguer a nossa voz muito acima da teimosa prepotência institucionalizada!?

Já se justifica uma demonstração pública massiva de indignação.

"Eyes on the Pride": El@s protestam. In: <http://eyesonthepride.blogspot.com/2007/03/els-protestam.html> (acesso: 25/03/2010).

Anexo 2

André Heloy Avila

UNEB/ UFSC

Professor@s frente á diversidade sexual: uma questão para além da formação profissional

A atuação educacional na área da sexualidade deve pauta-se (sic) na ciência, em práticas didático-pedagógicas e na reflexão ética. Porém, as posturas dos/as educadores/as diante do tema não passam só pelo crivo dos conteúdos e técnicas pedagógicas, são produzidas em meio a configurações determinadas. Diante do corpus, pretendemos discutir diretrizes à sua análise relacionando alguns elementos relatados pel@s professor@s, configuram, por ora, necessárias leituras das vivências do suporte e apoio institucionais, que parecem ser mais desconhecidas dos sujeitos que os princípios gerais da tolerância, por exemplo, trazidos nos PCN's; e de princípios que mesmo por vezes divergindo entre si, convivem nos processos de singularização. Considerando-se sempre que significações "pessoais" se imbricam a configurações coletivas determinadas. Em outras palavras, para @s professor@s, lidar com esses temas, talvez algo tido como da esfera particular aciona inicialmente digamos lhes é mais caro, no caso, orientações religiosas, mas não se pode dizer que isso vá determinar suas formas de "trabalhar" essas questões.

Referências Bibliográficas

AVILA, André Heloy. *Professor@s frente a diversidade sexual: uma questão para além da formação profissional*. In *Caderno de resumos – IV Congresso ABEH 2008*. UNEB/ UFSC 2008.

BAKHTIN, Mikhail. *Estética da criação verbal*. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

BENTES, Anna Cristina, MUSSALIN, Fernanda. (Orgs). *Introdução a lingüística: Domínios e Fronteiras*. V.2. 1. ed. São Paulo: Cortês, 2001.

BUTLER, Judith. *Problemas de gênero: Feminismo e subversão da identidade*. 1. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003

_____. Burning Acts – Injurious Speech. In: *Performativity and Performance: with an introduction by Andrew Parker and Eve Kosofsky Sedgwick* (Orgs.). 1. ed. Nova York: Routledge, 1995.

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. 7. ed. Rio de Janeiro: DP & A, 2003

[1] Os textos encontram-se em anexo ao artigo.



Todos os textos publicados podem ser livremente reproduzidos, desde que sem fins lucrativos, em sua versão integral e com a correta menção ao nome do autor e ao endereço deste site.



Siga a [@linguasagem](#) no Twitter

[o que é isso?](#)

